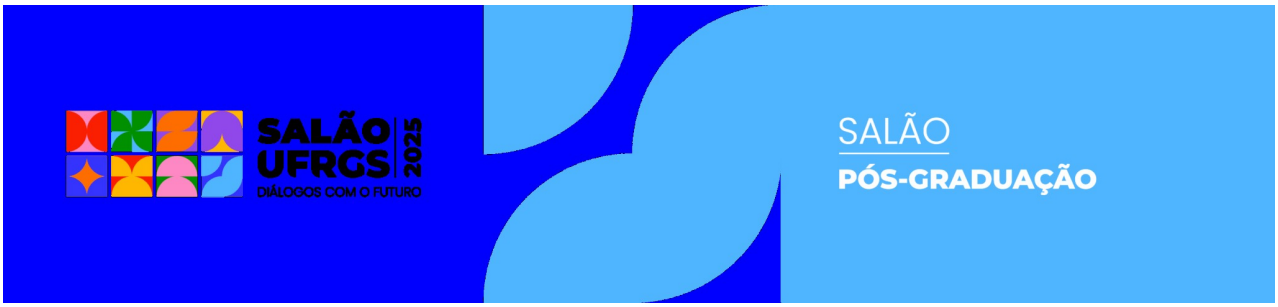



| | |
|---|---|
| **Evento** | Salão UFRGS 2025: I SALÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO |
| **Ano** | 2025 |
| **Local** | Campus do Vale - UFRGS |
| **Título** | Em meio à crise climática, é possível continuar acreditando no progresso?: reflexões etnográficas sobre prognósticos de futuro na divulgação científica |
| **Autor** | CRISTIANE INDIARA VERNES MIGLIORANZA |
| **Orientador** | CARLOS EDUARDO VALENTE DULLO |

**Em meio à crise climática, é possível continuar acreditando no progresso?: reflexões etnográficas sobre prognósticos de futuro na divulgação científica**

**RESUMO:** Pautada pela construção de narrativas alinhadas com a ideia de progresso, a escrita jornalística de divulgação científica tende a reafirmar uma imaginação de futuro próspero. Subjaz à prática o entendimento de que é preciso comunicar sem desesperançar, norteado por um senso de responsabilidade pelas consequências éticas do trabalho jornalístico e também pelo debate sobre os acirramento de negacionismos (Caponi, 2020), seus impactos na confiança da sociedade na Ciência como lugar de respostas para um porvir cada vez mais ameaçado por crises: ambientais, sociais, políticas, econômicas. Compreendendo a divulgação do conhecimento científico como uma prática da Ciência Cidadã associada à Ciência Aberta (Fortaleza; Bertin, 2019), este trabalho se propõe a refletir antropologicamente a partir das discussões sobre futuro encontradas em Appadurai (2013), Berlant (2011) e Koseleck (2006). Appadurai reflete sobre o papel da antropologia na análise sistemática da construção do futuro e sua ligação preponderante a outros campos das ciências, tendo na imaginação um ponto central. Para o autor, o futuro não é apenas um espaço técnico ou neutro, mas uma visão atravessada por afeto e sensação. Assim, as emoções que acompanham o futuro enquanto forma social devem ser examinadas, bem como as sensações que elas produzem. Berlant propõe o conceito de "otimismo cruel" para descrever uma relação de apego a condições comprometidas de possibilidade, cuja realização se revela ou impossível, ou pura fantasia, ou, no limite, possível demais e tóxica. Trata-se de uma economia política que produz sobreposições contraintuitivas e que articulam passado, presente e promessa de futuro. O cruel reside no impasse, ou seja, na impossibilidade de um sujeito ou coletividade conseguir suportar a perda de seu objeto ou de seu cenário de desejo, mesmo quando seu bem-estar é ameaçado. Já a ideia de prognóstico de Koseleck envolve duas categorias intrinsecamente conectadas: espaço de experiência e horizonte de expectativa. Equivalentes às categorias de tempo e espaço, entrelaçam passado e futuro, mostrando o tempo histórico em mutação. O que estende o horizonte de expectativa é o espaço de experiência aberto para o futuro, pois as experiências liberam os prognósticos e os orientam. Para ser determinado, um prognóstico também depende da necessidade de se esperar alguma coisa, sendo composto por condições alternativas. A abordagem metodológica deste trabalho baseia-se na experiência profissional da autora, elaborada a partir da proposta de uma antropologia do futuro por meio da análise etnográfica de cinco momentos jornalísticos vinculados à Expedição Antártica, liderada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. O primeiro deles é a produção de uma pauta de divulgação científica sobre os impactos a longo prazo das mudanças climáticas; seguido pela deliberação ética com a cientista entrevistada e, posteriormente, com o editor do jornal, sobre como transmitir uma informação profundamente pessimista ao público sem desesperançá-lo; o terceiro aborda a redação e publicação da matéria antes do retorno da cientista da Antártica; o quarto compreende a entrevista coletiva concedida pelos pesquiadores do projeto quando de sua volta; e, por fim, o quinto abarca a forma como a decisão por comunicar os prognósticos pessimistas apontados pelos resultados da pesquisa foi acolhida e divulgada pela imprensa. O trabalho aponta para os impasses enfrentados por cientistas e jornalistas científicos a partir

momentos de crise e apresenta uma construção etnográfica sobre como os afetos intervêm na imaginação de cenários de futuro, sejam mais direcionados à esperança, sejam mais inclinados a uma elaboração do tipo otimismo cruel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência; Divulgação Científica; Imaginação de Futuro.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. The future as a cultural fact. In: _____. **The future as a cultural fact: essays on the global condition**. Londres: Verso, 2013. Pp. 285-300.

BERLANT, Lauren. **Cruel optimism**. Durham, N.C.: Duke University Press, 2011.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 209–224, maio 2020. Disponível em https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/#

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. FENAJ: Vitória, 4 de agosto de 2007. Disponível em https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/

FORTALEZA, Juliana Meireles; BERTIN, Patrícia Rocha Bello. A Parceria para Governo Aberto e o Compromisso pela Ciência Aberta. *In:* SHINTAKU, Milton; SALES, Luana (Orgs.). **Ciência aberta para editores científicos**. Botucatu: ABEC, 2019. Disponível em https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/Ciencia_aberta_editores_cientificos_Ebook.pdf

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.